DOI: 10.53981/destroos.v6i1.60185
Editorial

A IN-DISCIPLINA DO PENSAMENTO: TRINTA ANOS DE ESPANTO

Andityas Soares de Moura Costa Matos
Antônio Lopes de Almeida Neto

O dossiê *Limiares destituintes: política, direito, teologia e linguagem* reúne artigos, ensaios, traduções, resenhas e intervenções dedicadas à refletir sobre o projeto *homo sacer* de Giorgio Agamben. Diferentemente do que costuma ocorrer em homenagens acadêmicas no Brasil — geralmente marcadas por elogios ocos ou destinados simplesmente a "explicar" a obra dos autores sem nenhum acréscimo — , esta edição assumiu a tarefa de apresentar a filosofia como uma provocação ao regime de disciplinarização do saber típico das universidades. Como já indicava a chamada do dossiê, a proposta foi abrir espaço para textos que interrogassem os dispositivos institucionais e epistemológicos que estruturam os campos da filosofia, da história e das humanidades em geral inspirados pelo pensamento do filósofo italiano ou promover leituras originais de suas obras, tendo como marco os trinta anos do projeto *homo sacer*, iniciado em 1995 com a publicação de *Il potere sovrano e la nuda vita* na Itália. Diante da multiplicidade de contribuições recebidas — trata-se do número mais extenso da (*Des)troços* até o momento, e sem dúvida um dos mais intensos — este editorial propõe uma breve incursão na noção de "in-disciplina", tal como Giorgio Agamben parece tê-la usado dispersamente em seus escritos como uma forma de pensar os saberes em seus pontos de insurgência, falhas de nomeação e zonas de indeterminação epistemológica.

Em um ensaio intitulado *Aby Warburg e a ciência sem nome*, Agamben[1] apresentou uma reflexão sobre a (im)possibilidade de nomear o campo de estudo de Aby Warburg. Tal dificuldade se explica porque o historiador da arte se recusava a aplicar o método estilístico-formal propagado no campo das artes no final do século XIX. Assim, o seu empreendimento investigativo não se resumia a uma análise unidimensional do conteúdo ou da história da cultura, mas pairava sobre o (não-)lugar das oposições tradicionais — forma e conteúdo, história dos estilos e história da cultura etc. Nesse horizonte, a abordagem warburguiana se deu por meio de um movimento pragmático, iconográfico e concentrado nos detalhes. De igual modo, fugiu de qualquer critério formal das disciplinas especializadas a fim de se perfazer enquanto uma articulação entre biologia, filosofia, religião, arte, psicologia, mitologia, antropologia, etnologia etc.

Ao final do texto,[2] o filósofo italiano observa que Warburg jamais se satisfez com os nomes que ele mesmo atribuiu ao seu peculiar campo de investigação, que permaneceu à deriva entre denominações como "história da cultura", "psicologia da expressão humana", "história da psique" e "iconologia do intervalo", todos tentativas provisórias de designar aquilo que escapava aos limites disciplinares. Daí porque Agamben admitiu a possibilidade dessa ciência permanecer sem nome, tendo em vista o costume ocidental de retroalimentar falsas divisões e hierarquias que ainda separam disciplinas entre si. Mesmo assim, e ciente das dificuldades de fixação nominal, Warburg a chamou de *Mnemosyne* (Μνημοσύνη). Nesse sentido, ele desejava mapear a "esquizofrenia" do Ocidente por meio da reunião de imagens em painéis que tematizavam os fantasmas — forças corporificadas em singularidades históricas — que assombram a transmissão ocidental da cultura que, a olhos profanos,

[1] Agamben, *Aby Warburg e la scienza senza nome*, pp. 123-125.
[2] Agamben, *Aby Warburg e la scienza senza nome*, pp. 142-144.

parece cristalizada. Com a vertiginosa montagem de seus painéis, Warburg pretendeu elencar algumas cisões metafísicas e te(le)ológicas que conduziam e ainda conduzem nossa maneira de ler e apreender o mundo. Agamben conclui, portanto, que Warburg nunca utilizou uma iconografia autorreferente para identificar temas e fontes, mas, em meio ao cruzamento (quase) inominável das imagens, enfatizou uma nova forma de diagnosticar os problemas ontopolíticos da nossa história.

Essa instabilidade classificatória não foi apenas um caso isolado nas investigações de Giorgio Agamben sobre Aby Warburg. A título de ilustração, o autor apresentou a mesma leitura em *Stasis*,[3] ao se deparar com a análise do primeiro frontispício do *Leviatã* (1651) de Thomas Hobbes. Fazendo notar a ausência de uma ciência adequada para essa análise, o autor ensaiou a definição de uma *iconologia philosophica*, ou seja, um saber capaz de tocar uma "terra incógnita". A partir desse quadro, pode-se afirmar que há uma prática entre certos estudiosos — aqueles apontados por Agamben e ele próprio — em dispensarem o *a priori* absoluto quando imersos na trama objeto-método-ciência, configurando a terra incógnita como zona de indeterminação que impede a linearidade e a homogeneidade na pesquisa. Em resumo, trata-se do umbral de (in)cognoscibilidade invocado por Agamben como uma alternativa à tradição epistemológica ocidental, que borra os limites das disciplinas modernas para se revelar como in-disciplina. Na mesma linha, o objeto, o método e a ciência residem numa cooriginariedade heterogênea, não-linear e analógica.

Nesse horizonte, tomar a in-disciplina como condição de possibilidade deste dossiê é um modo de reconhecer que todo gesto de pensamento efetivamente crítico implica uma travessia por territórios ainda não explorados ou na própria desterritorialização,[4] limiares em que a filosofia se arrisca a perder seus conceitos e métodos conhecidos para deixar emergir novas formas de ver e dizer. Semelhantemente a Warburg diante de seus painéis ou Agamben frente à iconologia política do *Leviatã*, somos incessantemente convidados a experimentar o desconforto produtivo que provém do contato com um saber que só se deixa entrever nas suas falhas classificatórias, na ausência de limites fixos ou, como prefere Deleuze, no seu nomadismo.[5] Se escolhermos usar essa perspectiva, o diagnóstico dos fenômenos histórico-linguísticos não passará pelas criações de disciplinas, mas pela insistência em habitar no intervalo, no umbral ou na suspensão das hierarquias entre os saberes a fim de liberar e exibir o divino vazio *an-árquico* em que repousam. Torna-se assim possível a tarefa de tocar a dimensão virtual dos acontecimentos para fazer emergir, ao custo de sua contínua (auto)destruição, novas constelações de sentido — talvez mais horizontalizadas — para lidar com a existência. É este o convite que dirigimos aos leitores deste dossiê, que comemora trinta anos do talvez mais potente projeto filosófico do século XXI que, em uma época não apenas afilosófica como a nossa, mas decididamente antifilosófica, incomoda na mesma medida em que atualiza o gesto originário da filosofia calcado no espanto.

Grazie mille, Giorgio! por insistir em ser a pedra no sapato da tediosa e altamente disciplinar — em todos os sentidos deste termo, inclusive o militar — filosofia universitária.

[3] Agamben, *Homo sacer*, p. 269.
[4] Deleuze; Parnet, *Da superioridade da literatura anglo-americana,* p. 49.
[5] Deleuze, *O pensamento nômade*, pp. 66-67.

Referências

AGAMBEN, Giorgio. Aby Warburg e la scienza senza nome. *In*: AGAMBEN, Giorgio. *La potenza del pensiero*: saggi e conferenze. Vicenza: Neri Pozza, p. 123-146, 2005.

AGAMBEN, Giorgio. Stasis. La guerra civile come paradigma politico. *In*: AGAMBEN, Giorgio. *Homo sacer*. Edizione integrale: 1995-2015. Macerata: Quodlibet, p. 251-310, 2018.

DELEUZE, Gilles. Da superioridade da literatura anglo-americana. *In*: DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. *Diálogos*. Trad. Eloisa Araújo Ribeiro. São Paulo: Escuta, p. 49-90, 1998.

DELEUZE, Gilles. O pensamento nômade. *In*: MARTON, Scarlett (org.). *Nietzsche hoje?:* Colóquio de Cerisy. Trad. Milton Nascimento e Sônia Salzstein Goldberg. São Paulo: Brasiliense, 1985.